



**MARIANA CAMPOS**  
mari.vivabrasilia@gmail.com

Viva Brasília



**MIGUEL JABOUR**  
miguel.vivabrasilia@gmail.com

Mariana Campos/CB/D.A Press



João Paulo Toscano, Augusto César Oliveira, Ricardo Casagrande, Gustavo Oliveira e João Paulo Monteiro



Luiz Flavio, Hilton Medeiros, Giovanni Romano, Ariel Landwehr, Bolivar Padrão e Sandro Oliveira

## Champion inaugura Leapmotor e apresenta nova era de carros elétricos no DF

A Champion reuniu convidados, parceiros e representantes da montadora para celebrar, na noite de 18 de novembro, a inauguração da Champion Leapmotor, a nova concessionária da marca que acaba de chegar ao Brasil pelo Grupo Stellantis. No coquetel, realizado no SIA, o público conheceu de perto os modelos de SUVs elétricos C10 e B10 e a proposta de mobilidade inteligente que marca a nova era da Champion no Distrito Federal. Em clima de festa e boas-vindas, o evento destacou o início das operações da Leapmotor em Brasília e reforçou o protagonismo do grupo no mercado automotivo local.



Juliana Limp, Marina Oliveira e Katia Limp



Pedro Piquet, Gabriela Mey, Geza Nemeth e Eliane Santos

### Pedrart reinaugura loja no Brasília Shopping em noite de luxo e novidades

A Pedrart celebrou, na noite de ontem, a reinauguração de sua loja no Brasília Shopping, agora repaginada com design contemporâneo e um portfólio que inclui peças de alta joalheria e marcas internacionais exclusivas. Em clima de elegância e taças erguidas, convidados circularam pelo espaço renovado, conferindo de perto canetas, relógios e joias que fazem da Montblanc Pedrart uma referência em artigos de luxo na capital. O coquetel marcou a nova fase da loja, que aposta em experiências mais sofisticadas para um público que valoriza estilo, personalidade e detalhes atemporais.



Marco Antônio e Adriane Attie



Lilian, Cindy e Marcos Vinicius Attie



Dilsa Duarte e Mateus Barbosa



Ícaro Rollemberg e Paulo Seabra

Confira mais fotos e eventos no blog Viva Brasília. Acesse: [newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia](https://newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia)

### CB.PODER

A vocalista do grupo Pato Fu, Fernanda Takai, e a superintendente-executiva do Ecad, Isabel Amorim, defenderam uma legislação para remunerar os compositores e evitar prejuízos financeiros em casos de plágios de Inteligência Artificial

# Pela regulação da IA para músicos

» ARTUR MALDANER\*

Em defesa à propriedade intelectual dos músicos, a superintendente-executiva do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), Isabel Amorim, e a compositora Fernanda Takai, do grupo Pato Fu, participaram do *CB.Poder* — parceria do *Correio* com a TV Brasília — de ontem. Às jornalistas Denise Rothenburg e Adriana Bernardes as entrevistadas explicaram que ferramentas de Inteligência Artificial (IA) operam por meio do plágio e usam obras protegidas para alimentar a criação do algoritmo generativo de músicas e outras formas de arte. O assunto da regulamentação da IA está em discussão na Câmara dos Deputados, com o PL 2338/2023. A representante do Ecad acredita que o projeto será votado neste ano e ressalta a importância de não permitir que seja aprovado em pedaços, possibilitando que o direito autoral “fique para depois”. Isabel destaca no projeto as discussões sobre “opt in” e “opt out”, que permitem aos artistas escolherem, ou não, se suas músicas podem alimentar o algoritmo da IA,

Bruna Gaston CB/DA Press



e o direito inalienável do uso da voz e da imagem de uma pessoa. A cantora Fernanda Takai argumenta que a IA usa músicas de forma não ética, distorcendo sem autorização as criações de diversos artistas: “Acho que o principal problema é o uso da nossa voz, e os elementos musicais da nossa produção”, explica. A líder do Pato Fu conta que já recebeu de um fã uma música com sua voz, gerada por IA, e achou uma apropriação: “Mesmo

que gerem algo só para brincar, quando botam nas redes, isso já foi espalhado, e o estrago está feito. Por isso, deve haver uma regulamentação”, defende.

#### Impactos no mercado

A superintendente do Ecad avalia que o impacto da IA no mercado musical pode seguir tendências globais, com uma possível queda de 24%, apontada em estudo

da Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores (Cisac). Isabel destaca que o impacto de arrecadações não deve ocorrer apenas no ambiente digital, mas em estabelecimentos físicos, que usam músicas de terceiros, somando R\$ 600 milhões anuais para os compositores, intérpretes, produtores musicais e músicos acompanhantes. A executiva destaca outro estudo, que aponta uma incidência de

34% de músicas geradas por IA na plataforma Deezer, de streaming, e teme um grande impacto econômico para os artistas: “Hoje o digital é a maior arrecadação dos 360 mil titulares do Ecad. Todas essas pessoas serão afetadas”, diz. Isabel afirma que a legislação é mais importante para os artistas pequenos, com pouco público, que complementam sua renda com arrecadação de direitos autorais. “A importância de regular é para defender os pequenos, os menores. Porque, no final do dia, os grandes artistas conseguirão fazer seus acordos com as empresas de IA”, defende. Fernanda Takai adiciona que a classe artística também precisa participar da discussão e se unir para dialogar com instituições como o Ecad. A artista usa como exemplo a legislação da Alemanha, que exige que, para uma empresa utilizar o trabalho de um artista, é preciso negociar e pagar uma taxa. A representante do Ecad acredita que uma legislação clara é a melhor opção para evitar negociações lentas, e vê a possibilidade da renda dos artistas aumentarem com contribuições das big techs.

#### Sem alma

De acordo com a compositora do Pato Fu, além de prejudicar financeiramente os artistas, a IA se apropria das obras e cria produtos derivativos e “sem alma”. Fernanda relata que já ouviu, em um aeroporto, uma música que tinha o estilo da cantora Sade Adu, mas que era um plágio tecnológico: “Fui tentar pesquisar a música com o aplicativo Shazam, mas ela não existia. A música ocupava uma playlist pública, que poderia estar produzindo um artista real”, comenta. O Ecad também observava casos semelhantes, de proprietários de espaços que acham que, tocando músicas geradas por IA, não devem pagar a contribuição. “Se estão usando música, tem que pagar”, afirma Isabel Amorim. A executiva relata que, após distribuir a arrecadação, o Ecad vem fazendo uma análise das músicas que estavam sendo tocadas, a partir do banco de dados do escritório: “Nós encontramos claras evidências de plágio”, afirma.

\*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado